

GROSSMAN, David. *Duelo*. Trad. George Schlessinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 136p.

Duelo, uma história de enigmas e ladrões

Mariângela de Andrade Paraizo*

Duelo, de David Grossman, recentemente lançado pela Companhia das Letras, com tradução de George Schlessinger, é uma edição bem cuidada, com ilustrações excelentes de Cárcamo, as quais dialogam, perfeitamente, com as imagens sugeridas pela narrativa. O conjunto funciona, assim, como a embalagem bem feita de um conteúdo impecável.

Narra-se, no livro, a história da amizade David e o senhor Rosenthal. Um dia, esse amigo é desafiado para um duelo, sob a acusação de haver roubado uma pintura, ao que tudo indica, trata-se de um acerto de contas de um antigo triângulo amoroso. A mulher que foi o pivô desse triângulo, entretanto, já havia morrido há muitos anos. Além de tentar evitar o confronto, David, também, se envolverá na trama do sumiço da pintura.

A história – com amores, enigmas, ladrões, ofensas e tentativas de reparação – é, então, protagonizada por uma criança de 12 anos. Transcorrida em 1966, é narrada em 1980. Sabe-se que, nessa ocasião, Grossman apresentava um programa infantil, em uma rádio de Israel, onde a história foi contada antes de ser veiculada por escrito.

Como costuma ocorrer em narrativas de memórias, falsas ou verdadeiras, essa também vem marcada por breves lacunas e reconstituições detalhadas. Esse livro, porém, inicia-se com hesitações, como se fossem rasuras no sempre difícil começo de uma escrita: “éramos três (...). Não. Não é isso. éramos sete. (...) Não. (...) Era só eu”. (p. 7).

Ao deixar que o leitor o conheça primeiro como um mentiroso, o narrador atualiza o paradoxo grego, atribuído por vezes a Demócrito, outras vezes a Epimênidesl. Ao se declarar mentiroso, ele ganha credibilidade? Em outras palavras, quando diz: “eu minto”, o sujeito da enunciação descola-se do sujeito do enunciado, já que o segundo mente, o primeiro diz a verdade sobre ser um mentiroso. Jogando com o distanciamento entre o garoto e o jovem de vinte e oito anos, a narrativa adota geralmente o ponto de vista da criança, mas levanta a beirada da cortina para mostrar, nos bastidores, um narrador bem humorado, como ocorre neste exemplo: durante uma das frequentes discussões com seus pais, eles insistem em que David deveria conviver com outros garotos, e não se restringir à companhia de um senhor de setenta anos:

Então, bem ali, naquele momento, fiz uma lista de nomes de meus amigos, na esperança de que isso pusesse fim àquela velha discussão. Mas a minha mãe argumentou que um único nome não constituía uma lista, ainda mais o nome de um garoto que se mudou para Haifa meio ano antes... (p. 52)

Esse e outros recursos – como fechar o capítulo oito quando uma porta se abre (p. 91), entre o susto e o grito, – emprestam agilidade e leveza ao relato, o que permite que, além da narrativa aparente, o texto traga nas entrelinhas o duro exercício de crescer, no atrito entre a infância e o mundo dos adultos. A esse outro duelo, pertencem as reflexões do garoto, sua relação com a escrita, ou observações como esta, do Sr. Rosenthal: “Os homens dão tanto valor à honra que por causa delas estão dispostos a perder o respeito.” (p. 57)

O resultado é uma história contada com simplicidade e delicadeza, suspense e humor. Recomendável a pessoas entre doze e setenta anos. Ou menos. Ou mais.

* **Mariângela de Andrade Paraizo** é Professora de Língua Portuguesa e de Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais. é pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos e do Núcleo de Estudos sobre Crimes, Pecados e Monstruosidades e autora de *Um inventário do universo: leitura de Jorge Luis Borges*.